

Diálogo entre a Antropologia Cristã e a Antropologia Psicológica Uslariana na conceptualização da relação unicista entre o corpo e a alma humanas no contexto do pensamento ocidental*

Dialogue between Christian Anthropology and Uslarian Psychological Anthropology in the conceptualization of the unicist relationship between the human body and soul in the context of Western thought

Clarissa França Dias **

Resumo

Na história dos estudos antropológicos, a questão da relação entre os dois elementos constitutivos do ser humano - corpo/matéria e alma/espírito - tem sido investigada por várias ciências, no trânsito por abordagens filosóficas, científicas e religiosas. O presente artigo objetiva dar ênfase a duas lentes de análise que conceptualizam o ser humano como uma comunhão indissociável de corpo e alma, em que não existe, na unidade psicossomática, uma instância de valoração superior à outra. São elas: a Antropologia Cristã, em suas raízes, e a Antropologia Psicológica, pela abordagem contemporânea do psicólogo suíço D. Von Uslar. A tentativa é de aproximação das duas correntes, distanciadas no marco-histórico de

* Artigo recebido em 10/09/2019 e aprovado para publicação em 26/11/2019.

** Clarissa França Dias faz pós-graduação em Teologia na FAJE, e-mail: clarissafrancadias@gmail.com.

discussões por influências das correntes dualistas predominantes na história do pensamento ocidental.

Palavras-chave: Antropologia; Cristianismo; Psicologia; Corpo; Alma.

Abstract

In the history of anthropological studies, the question of the relation between the two constitutive elements of the human being - body / matter and soul / spirit - has been investigated by various sciences, in the transit through philosophical, scientific and religious approaches. The present article aims to emphasize two lenses of analysis that conceptualize the human being as an inseparable communion of body and soul, in which there is no higher instance of valuation in the psychosomatic unit. They are: Christian Anthropology, in its roots, and Psychological Anthropology, by the contemporary approach of the Swiss psychologist D. Von Uslar. The attempt is to approximate the two currents, distanced in the historical framework of discussions by influences of the dualist currents prevalent in the history of Western thought.

Keywords: Anthropology; Christianity; Psychology; Body; Soul.

1. A unidade anímico-corpórea nas bases da antropologia cristã

A concepção cristã do homem e de sua ontologia tem sido formada desde a antiguidade, passando por várias influências de cunho religioso e filosófico até o período medieval e adquirindo novas perspectivas também no âmbito científico, na contemporaneidade. Este tópico propõe fazer um recorte sobre os pareceres teológicos de tradições bíblicas, com breves considerações acerca da ideia de que o ser humano, apesar de sua multidimensionalidade, constitui uma totalidade psicofísica na condição de imagem e semelhança de Deus.

Na visão bíblica, o ser humano é criado por Deus como uma unidade na pluralidade de suas dimensões (*basar*, *nesef* e *ruah*). Cada vocábulo da antropologia bíblica não corresponde a um aspecto, mas responde pela uni-totalidade do ser humano. Assim, o ser humano, na sua totalidade, não tem, mas é *basar*, *nesef* e *ruah*. A

condição de imagem de Deus não se refere a uma dimensão do ser humano, mas é imputada à sua totalidade psicofísica.¹

Nos horizontes de análise da antropologia cristã, não existe uma apreciação prévia que refute o princípio da alma e o princípio do corpo ou da matéria, uma vez que a busca se dá pela unificação de ambos de forma coerente. Nesse sentido, não se preza nem pelo espiritualismo, nem pelo materialismo, visto que a integração corpo-alma é que sustenta a autenticidade da condição humana.

Os dois princípios estruturais da constituição humana não se identificam e nem se misturam, mas estão correlacionados de forma que a essência de um se dá na relação com o outro. A identidade de um princípio metafísico se constrói mediante a relação com a alteridade do outro princípio. O corpo não é a alma e vice-versa. O interior e o exterior são distintos, mas não indiferentes ou adversários. Mas o que o corpo "é" ele o é em relação à alma e vice-versa. A distinção entre os princípios do binômio antropológico se situa no plano meta-existencial, ou seja, metafísico. O ser humano não é só corpo e nem só alma, ou seja, cada dimensão, separadamente, não o constitui e nem responde pela totalidade do seu ser. É através da unidade e da aliança de ambos os princípios que o ser humano acontece, torna-se e vem a ser.²

Nos textos neotestamentários, observa-se a perspectiva antropológica pela ação salvífica da humanidade por Jesus Cristo, numa autocomunicação do amor de Deus às criaturas, sem que haja prevalência da condição negativa da marca de pecado dessa mesma humanidade. Diante disso, o Filho, o Verbo de Deus desde toda eternidade, fez-se imagem de Deus para os seres humanos, a fim de associá-los à sua obra redentora.³ Jesus Cristo é, portanto, o ser humano em sua perfeição, o Filho do Homem, o verdadeiro representante da imagem de Deus na Terra.

A antropologia joanina, como um dos exemplos, vincula-se ostensivamente à cristologia e aponta um caminho evolutivo espiritual que está em plena integração com a faceta material do ser humano, podendo ser observada, por exemplo, em Jo 19,5 e Jo 20,22. Nessas passagens, narra-se a figura do Cristo em representação da plenitude humana e também da criação do primeiro homem a partir do sopro do Espírito Santo. Segundo alguns raciocínios do apóstolo,

Partindo de Cristo como sarx (carne), como anthropos (humano), se eleva à contemplação de Cristo como logos (palavra), o que em sua existência humana, caracterizada pela fragilidade e

¹ WOLFF, H.W. *Antropologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 1975, p. 17-85.

² OLIVEIRA, Renato Alves de. "Da relação corpo-alma à mente-cérebro: a antropologia cristã e as novas antropologias". In: *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 46, n.129, p.215-245, Mai./Ago, 2014, p.225-226.

³ DE MORI, Geraldo. "Corpo e alma. Raízes bíblicas". Belo Horizonte, 2019, p. 4.

mortalidade, é tão aberto a Deus que se torna Palavra, signo real. Cristo, em seus gestos humanos, é signo da presença de Deus, em relação singular com o Pai celeste. Encontramos expresso de outro modo o tema bíblico do humano imagem de Deus, que é o do humano no qual o audaz destino é o de representar e revelar Deus. Esta característica do humano encontra em Cristo sua expressão fontal. É belo notar como a realização perfeita do humano e a figura fontal da humanidade aparece pelo reenvio ao início: o fim do humano em Jesus retoma o início, porque o início demanda realização plena Nele.⁴

Em outros textos bíblicos, também teremos referências que corroboram a noção unicista da relação corpo-alma, em especial nos textos paulinos. A antropologia do apóstolo dos gentios, mesmo em suas várias fases de elaboração, aproxima-se da perspectiva cristológica já dimensionada por João Evangelista no tema da imagem de Deus. Em 2Cor 3, 18 e Cl 3,10, temos respectivamente: “nós todos refletindo a glória do Senhor, somos transformados em sua própria imagem cada vez mais resplandecente, pela ação do Senhor, que é Espírito” e “vos revestistes de novo, que se renova para o conhecimento segundo a imagem do seu Criador”.

Vale ressaltar que, ao longo de toda a tradição cristã, novas interpretações acerca do tema foram desenvolvidas, a saber: a compreensão patrística do ser humano nas perspectivas dos apologetas, das escolas antioquina e alexandrina, bem como da visão de Santo Agostinho; a compreensão medieval das reflexões da escolástica e da síntese de Santo Tomás; e a compreensão de uma imagem moderna e contemporânea do ser humano que apresenta enormes influências da antiga tradição filosófica grega, por meio de postulados platônicos, estoicos e gnósticos.

O artigo em questão não objetiva a descrição de cada uma dessas interpretações, porém se faz necessária uma sucinta rememoração sobre a corrente de pensamento dualista, com bases filosóficas grego/helenísticas e com o seu apogeu na filosofia de René Descartes. Isto se dá pelo fato de que essas correntes desconstruíram/distorceram a visão milenar do homem como unidade psicofísica, dissociando os elementos corpo e alma, em valorização de um sobre o outro, alterando profundamente a relação do homem consigo mesmo, afetando a compreensão sobre sua evolução espiritual e obscurecendo a sua relação com a dimensão do divino. É essa perspectiva que assumirá os ditames das conceptualizações antropológicas modernas e contemporâneas, o que desperta na Antropologia Cristã uma necessidade de se posicionar novamente frente a essas linhas de pensamento.

⁴ Ibid., p. 4.

2. Influências do dualismo na história ocidental

Como visto anteriormente, a fortíssima influência cultural da antropologia grega/helenística, marcada também pelas influências platônicas, estoicas, gnósticas e cartesianas, definiu todo o pensamento do homem ocidental, que se estendeu pela modernidade e pela contemporaneidade. Essas correntes, de natureza dual, dissociam os princípios constitutivos do ser (alma-corpo), colocando a alma numa posição de superioridade e semelhança divina, ao contrário do corpo, que se vê desvalorizado enquanto objeto/problema de atraso para a salvação humana.

Diante dessas novas correntes, os pensadores cristãos dos primeiros séculos se atentaram para o perigo que o pensamento dicotômico poderia representar para a fé humana, principalmente nos âmbitos da cristologia e da soteriologia, perante as já referenciadas ações salvíficas de Jesus Cristo, apresentadas no tópico anterior, que se tornariam infundadas pelas novas formas antropológicas. Mesmos com os esforços filosóficos propostos por São Tomás de Aquino, em sua síntese sobre a unidade total do ser humano, o dualismo se evidencia e traz ainda reinterpretções conceituais dos termos "corpo", "alma" e "espírito", alterando, ainda, a relação entre os princípios, que passa a ser vista como oposição sujeito-objeto.

Como representantes do dualismo, dá-se destaque ao "orfismo" e ao "gnosticismo" do período cristão, por se assemelharem (em termos conceituais) e pela grande penetração que tiveram nas culturas com as quais entraram em contato (em termos de influência). Também pelo fato de o orfismo ser a primeira resposta dualista ao problema da morte, que foi transformado no problema da relação entre duas entidades diferentes, o corpo e a alma; e pelo fato de o gnosticismo ser o ponto mais alto do desenvolvimento do dualismo, expandindo para o universo a comparação *soma-sema*, "corpo túmulo", até então limitada ao ser humano. No gnosticismo, o mundo inteiro é *sema*, túmulo da alma.⁵

No pensamento de Platão, essa dicotomia se baseia em uma concepção ontológica dualista, na qual o mundo é constituído por duas realidades distintas. A realidade do corpo, rejeitada pelo autor em termos qualitativos, representa algo inferior, como se fosse um instrumento e uma ferramenta da alma, sendo contrário a esse princípio divino. A noção da corporalidade será vista como o encarceramento da alma, que tem por objetivo o retorno à realidade espiritual, mundo das essências ou das ideias.

⁵ PRAZERES, Alexandre de Jesus dos. "O estado da questão: a relação corpo-alma em quatro versões". In: https://www.academia.edu/24962344/O_ESTADO_DA_QUEST%C3%83O_A_RELA%C3%87%C3%83O_CORPO-ALMA_EM_QUATRO_VERS%C3%95ES_Alexandre_de_Jesus_dos_Prazeres

O corpo é, portanto, toda a fonte dos sofrimentos e dos males humanos, o impeditivo à vivência imortal da alma no plano divino que lhe é originário.

Já para René Descartes, só se admite a alma como substância pensante (*res cogitans*) e o corpo como substância extensa (*res extensa*), cujas naturezas são distintas. As propriedades de cada uma das substâncias, no pensamento cartesiano, são incompatíveis. Nesse sentido, algo que seja de natureza pensante possui apenas as potências do entendimento e da vontade, sendo as demais funcionalidades reservadas ao âmbito da substância extensa, que não passaria de um "autômato mecânico".

Para o dualismo cartesiano, a natureza intrínseca à alma está vinculada ao ato de pensar ("penso, logo existo"), ação essa que dá ao homem condições de se tornar cômico da própria existência. Diante de todo o racionalismo cartesiano, então, existir tem como base a atividade do pensamento que determina as possibilidades de se adquirir conhecimento e de vivenciar experiências, por meio das representações mentais e intelectuais. Nesse cenário, a alma, pelo entendimento e pela vontade, é autoridade total na relação com o corpo e suas funções vinculadas aos atos de sentir, de imaginar, de desejar e de movimentar.

Para Descartes, o corpo enquanto *res extensa* se define por suas propriedades de extensão, como comprimento, largura, altura e profundidade, comuns a todo objeto pertencente ao mundo da matéria. Possui qualidades sensíveis de apreensão do mundo interno e externo, porém não é definido por elas, uma vez que, mesmo sem a alma para animá-lo, ele continua existindo. Visto, portanto, a partir de uma visão mecanicista, o corpo/máquina em nada depende da alma para existir e vice-versa, o que ressalta a perspectiva dualista na concepção antropológica.

Por fim, observa-se que a antropologia cartesiana, ápice do pensamento dualista na modernidade, entende que a alma é a substância primordial que conferirá ao indivíduo a condição de sua existência por se vincular ao ato pensante, encontrando-se totalmente independente do corpo, visto como máquina.

São exatamente essas correntes dualistas citadas que tiveram preponderância no panorama de estudos sobre a relação corpo-alma que, mais tarde, serão problematizadas dentro dos conceitos de mente-cérebro pelos estudos de abordagem científica. No entanto, esse mesmo dualismo que desconstrói a relação de unidade no âmbito psicossomático cunhado pela Antropologia Cristã, possui as suas limitações em explicar, em nível mais profundo, como e por quê existe uma correlação entre os princípios da alma e do corpo.

Para isso, o próximo tópico se deterá nos estudos das ciências humanas psicológicas da contemporaneidade para explanar sobre algumas contribuições da antropologia psicológica uslariana acerca da relação indissociada de corpo-alma, espírito-matéria, na construção dos estudos

psicológicos sobre a concepção do elemento psíquico. Acredita-se que essa linha atual de pensamento possa corroborar o resgate da totalidade psicofísica do ser humano, recuperando, ainda, os princípios da fé cristã.

3. O resgate unicista pelo viés da antropologia psicológica uslariana

Como visto nos tópicos anteriores, o ser humano e sua ontologia são objetos de encanto há milênios apesar das divergências no que concerne à relação entre os princípios da alma e do corpo. Neste tópico, será apresentada uma abordagem contemporânea do tema no âmbito psicológico que reforça as bases da Antropologia Cristã, como ponte de resgate de uma vivência do humano em sua perspectiva integradora.

Segundo o psicólogo suíço D. Von Uslar, o ser psíquico é uma unidade que só pode ser concebida na consideração daquilo que o define como para além de um objeto localizável materialmente, mas também no apreço da realidade física que o constitui e o envolve. A vivência do mundo interno do Eu só é possível na presença corporal do ser, definindo que o ser psíquico é, portanto, em si mesmo, corporalidade.

Nesse contexto, Uslar apresenta, ao longo do texto "Pressupostos Ontológicos da Psicologia", os quatro principais aspectos da concepção do elemento psíquico que corroboram a perspectiva de comunhão dos elementos da psiquê/alma e do corpo/matéria, sendo eles: a Corporalidade, a Mundanalidade, a Temporalidade e o Encontro.

Sobre a Corporalidade, a premissa que se estabelece se vincula ao fato de que o indivíduo só existe porque ele é corporal, uma vez que só a realidade corporal nos permite estar realmente no mundo. Uslar considera que, ao tornar idêntico o ser psíquico à Corporalidade, o corpo não adquire sentido apenas de um "*substrato* do elemento psíquico, mas todo o ser psíquico é a realidade da presença corporal"⁶.

Ele ressalta que a realidade do ser psíquico não tem fim nos limites físicos do corpo, mas que é intrínseca ao mundo pelos atos consequentes do aparelho sensorial humano, que o possibilita ouvir, cheirar, ver, sentir, movimentar, alimentar, multiplicar e pensar. Nesse sentido, o ser humano não somente *teria* órgãos e instrumentos, mas, antes, *seria* esses mesmos aparatos, como descrito abaixo.

Se o olho fosse um ser vivo, então o ato de olhar seria sua psique.
Desta instrumentabilidade do nosso corpo faz parte a perspectiva

⁶ USLAR, D. Von. "Pressupostos Ontológicos da Psicologia". In: Antropologia Psicológica, Orgs. Gadamer e Vogler., São Paulo, 1977, p.277.

de sermos um horizonte de possibilidades. Por esta razão, a psique do olho estaria também já no *poder* olhar, na *dynamis* e *potentia*.⁷

O que se segue, todavia, é a necessidade de se estabelecer conexão entre os quatro elementos do ser psíquico, entendendo como esses conceitos são complementares entre si na formação de um ser único e integrado. Na passagem para o segundo elemento, da Mundanalidade, reforça-se a ideia de que "a Corporalidade não termina nos limites estruturais do corpo, mas manifesta-se sempre como um ser-deitado no mundo, como ser atado à realidade das coisas, como existência no horizonte do mundo como um todo".⁸

Na análise desse princípio, observam-se dois momentos de manifestação importantes que também devem ser considerados em conjunto: o mundo como horizonte e o mundo como base. Aqui não se considera uma perspectiva subjetiva, porém ontológica do princípio. Dessa forma, o mundo concebe o horizonte para o qual se estende a realidade psíquica e para o qual ela se orienta. Esse mesmo mundo se apresenta como o ambiente que marca e estreita a visão do ser sobre a realidade. Uslar acredita que "cada um de nós é o misterioso centro e ponto de referência do seu mundo, o lugar de onde o espaço se abre e a quem a perspectiva se refere"⁹. Por outro lado, só se pode existir porque o mundo fornece a base para o ser, concebendo ao indivíduo um lugar para viver, sendo a condição da possibilidade da existência humana.

Ademais, a Mundanalidade, segundo o psicólogo suíço, além de servir de horizonte e de base, significa ainda um envolvimento na realidade do mundo. O autor faz referência, nesse momento, ao apóstolo cristão São Paulo para evidenciar esse aspecto. Ele diz: "Paulo pôde também compreender o mundo como aquilo que nos conduz à tentação, que nos leva para sua fascinação e determina nossa inteira existência".¹⁰

Da mesma forma em que a realidade psíquica é determinada pela Corporalidade e se estende no horizonte do espaço, Uslar faz considerações ao terceiro elemento do ser psíquico, em que se estende uma realidade ao horizonte do tempo. Para o autor, no aspecto da Temporalidade

Nós somos o que somos sempre só neste arco que forma a ponte sobre o tempo. Não podemos pensar, planejar, decidir ou desejar, sem que nos orientemos ao mesmo tempo para o futuro. Lembrança, no seu verdadeiro sentido, é um permanecer do passado no presente. (...) Ser passado e ser futuro pertencem à realidade psíquica de maneira tão imediata como o agora. (...) Cada atualidade é a atualidade pura e simples. O momento é

⁷ USLAR, D. Von. "Pressupostos Ontológicos da Psicologia". In: Antropologia Psicológica, Orgs. Gadamer e Vogler., São Paulo, 1977, p.281.

⁸ Ibid., p. 281.

⁹ Ibid., p. 286.

¹⁰ USLAR, D. Von. "Pressupostos Ontológicos da Psicologia". In: Antropologia Psicológica, Orgs. Gadamer e Vogler., São Paulo, 1977, p.282.

absolutamente único. Ele é a identidade entre tempo e ser. O ser psíquico é caracterizado por esta atualidade constante do ser-agora.¹¹

É importante observar que a Temporalidade será considerada em sua perspectiva subjetiva, porém referenciada também em sua concretude, uma vez que o passado e o futuro são irrepetíveis e que esse tempo pode ser medido a partir da estruturação temporal pela linguagem humana.

No fechamento dos quatro aspectos da concepção do elemento psíquico, Uslar constata que a Temporalidade da existência de um ser entra em contato com a Temporalidade da existência de outro ser, fazendo do Encontro o último aspecto integrador que gera o peso total da realidade do existir humano.

De acordo com o autor, o fenômeno do encontro será considerado o elemento adequado para se esclarecer a unidade desses quatro aspectos do elemento psíquico.

O elemento psíquico não é primariamente apenas o ser-eu, mas é igualmente de modo elementar e real a presença do Você. O encontro é uma experiência primária do ser psíquico no ser de Você. Ele possibilita uma compreensão da realidade psíquica, vindo de Você. (...) Por outro lado, o confronto com o ser do Você faz surgir simultaneamente a consciência do eu estar presente em minha totalidade. O encontro cria a possibilidade de encher completamente a própria existência.¹²

Em resumo, quando o ser humano se experimenta no Encontro, o mundo passa a ser o horizonte e a razão comuns aos indivíduos. Sucessivamente, a consciência de se ser corporal vem à tona. Essa momentaneidade partilhada ativa a percepção do tempo como horizonte do ser. Nesse sentido, o elemento psíquico se mostra como realidade do nosso estar-no-mundo corporal, temporal e comum.

Considerações finais

No cenário atual da Antropologia Teológica, o tema da relação corpo-alma se tornou um assunto permeado por receios advindos dos pensadores cristãos de raízes bíblicas, que concebem as reflexões como já resolvidas na perspectiva da unidade total entre os elementos do corpo e da alma. É certo que as influências do pensamento dualista tenham se alastrado pelo mundo ocidental ao longo da história, desde as correntes do orfismo e da

¹¹ Ibid., p. 287-288.

¹² USLAR, D. Von. "Pressupostos Ontológicos da Psicologia". In: Antropologia Psicológica, Orgs. Gadamer e Vogler., São Paulo, 1977, p.290.

gnose, passando pelas ideias de Platão, chegando ao cume do dualismo racionalista e mecanicista de René Descartes, obscurecendo as reflexões do pensamento bíblico que primavam pela visão unicista no fortalecimento da fé humana.

No entanto, não por isso se deve relegar a discussão antropológica cristã, visto a necessidade vigente de se propor, na contemporaneidade, a vivência da perspectiva da consciência por um viés integrador. Mesmo que tal influência dicotômica perdure até os dias de hoje na cognição do senso comum dos indivíduos ocidentais, ela possui consequências no processo das interações humanas, uma vez que o elemento corporal é concebido, por algumas correntes, como símbolo de atraso evolutivo ou como única realidade possível de ser concebida (correntes materialistas).

É nesse sentido, portanto, que o surgimento de novas possibilidades de estudo antropológico, como o da antropologia psicológica uslariana contribui para o resgate de uma visão unicista, criando pontes de diálogo entre teologia e psicologia, considerando a consciência como a presença de um ser vivo corporal e, por fim, possibilitando uma vivência humana na sua totalidade, integralidade e abertura para Deus.

Referências

DESCARTES, René. *As paixões da alma*. In: DESCARTES, René. Discurso do método; Meditações; objeções e respostas; As paixões da alma; Cartas. Tradução J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979. p. 213-294. (Os Pensadores).

_____. *Meditações*. In: DESCARTES, René. Discurso do método; Meditações; objeções e respostas; As paixões da alma; Cartas. Tradução J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979. p. 73-142. (Os Pensadores).

DE MORI, Geraldo. "Corpo e alma. Raízes bíblicas". Belo Horizonte, 2019.

OLIVEIRA, Renato Alves de. "A relação entre o corpo e a alma do ser humano na teologia cristã: uma aproximação histórica e contemporânea". In: Horizonte. Puc Minas, Belo Horizonte, v. 11, n. 31, p. 1081-1105, jul./set. 2013 – ISSN 2175-5841.

_____. "Da relação corpo-alma à mente-cérebro: a antropologia cristã e as novas antropologias". In: Perspectiva Teológica, Belo Horizonte, v. 46, n.129, p.215-245, Mai./Ago, 2014. SOARES, Afonso Maria Ligorio. "A teologia em diálogo com a Ciência da ". Ciberteologia - Revista de Teologia & Cultura - Ano II, n. 15, 2015.

PRAZERES, Alexandre de Jesus dos. "O estado da questão: a relação corpo-alma em quatro versões". In: https://www.academia.edu/24962344/O_ESTADO_DA_QUEST%C3%83O_A_RELA%C3%87%C3%83O_CORPO-ALMA_EM_QUATRO_VERS%C3%95ES_Alexandre_de_Jesus_dos_Prazeres.

USLAR, D. Von. "Pressupostos Ontológicos da Psicologia". In: *Antropologia Psicológica*, Orgs. Gadamer e Vogler., São Paulo, 1977.

WOLFF, H.W. *Antropologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 1975.